

Nacional, o poeira familiar de Botafogo

Fernando Ferreira

Fui um garoto cinemeiro. Da época em que, para se entrar nos cinemas do Centro, no Rio, era preciso usar paletó e gravata e o Metro Passeio, o Vitória e o Plaza eram casas de luxo. Não os freqüentava, porém. Ia muito aos cinemas de bairro e, como morava na Zona Sul (primeiro em Botafogo, depois em Copacabana e na Lagoa), estava sempre no Nacional, na Rua Voluntários da Pátria, em Botafogo; no Americano (hoje Copacabana), na Avenida Nossa Senhora de Copacabana; ou no Floresta, na Rua Jardim Botânico, n. 674, na Gávea. Apesar da maior dignidade do Nacional, esses cinemas eram então chamados — e creio que até os anos 50 — de *poeiras*. No Floresta e no Americano, o espaço físico da platéia era dividido em duas partes — o de trás era a primeira classe, o da frente, a segunda. Eu achava um mistério aquele negócio de pagar mais para ver o filme do meio da sala para trás, sem poder comprar balas ou o suspeito e ralo suco de groselha vendidos por ambulantes com acesso apenas à segunda classe.

No Floresta e no Americano vibrei com algumas fitas em série. No *poeira* de Copacabana, acompanhei *O Caveira*, *A Volta do Aranha Negra* e *O Arqueiro Verde*. Ao fim de seis semanas — eram dois episódios por semana — ficava-se sabendo quem se escondia sob a máscara do Caveira, do Aranha ou do Arqueiro, após uma sucessão de episódios com muita pancadaria, saltos mortais e quedas espetaculares. A platéia, principalmente infantil e adolescente, explodia em gritaria e torcida inflamada.

Os cinemas eram quentes, desconfortáveis em suas cadeiras de madeira e cheiravam a suor. Entrava-se no Floresta, para chegar à segunda classe (o prédio ainda está lá, na Rua Jardim Botânico, entre a ABBR e um supermercado), por um terreiro onde ciscavam galinhas e dormitavam gatos preguiçosos. A porta de acesso à sala de projeção, um degrau acima do terreiro, tinha uma velha e surrada cortina de cor indefinível (teria sido de veludo vermelho?), que não se abria — havia um buraco no meio e era por ali que se passava. Uma antiga babá convencia a todos, lá em casa, que o cinema era “familiar” e me levava em sua companhia para assistir a *Os Tambores de Fu Manchu*, estrelado, segundo ela, por Flash Gordon (referia-se ao ator Buster Crabbe, que interpretara antes o seriado sobre o herói das histórias em quadrinhos de Alex Raymond).

E por falar em cinema “familiar”, é aqui que entra o Nacional. Ele foi, na verdade, mais do que qualquer outro, o cinema da minha infância à adolescência. O pré-

dio também ainda está preservado, na Rua Voluntários da Pátria, como disse, no número 331. Seu proprietário era um senhor sisudo, mas bondoso, que todo o bairro conhecia: *seu* Crispim. Era o dono, o gerente, o administrador, suponho que algumas vezes não se importava de ser o vaga-lume, e sua mulher, cujo nome não guardei, era a bilheteira. *Seu* Crispim era estimado e respeitado e, por causa do seu temperamento meio fechado, recebia muitos trotes telefônicos. Na semana em que exibia o filme *Diga Isto Cantando*, ligavam-lhe todos os dias para saber o nome da fita e, quando ele respondia, o engraçadinho do outro lado se punha a cantar. *Seu* Crispim aí soltava os tamancos, como fez na noite em que a rapaziada aprontou uma infernal barulheira no cinema e ele, que já tinha ido se deitar (é claro que morava no mesmo prédio), mandou acender as luzes da sala e, de pijama, lá na frente, desancou o pessoal, reclamando que seu cinema era “uma casa de respeito”.

Sem dúvida era uma “casa de respeito”. Tanto que a minha família, depois da morte da minha mãe, muitas vezes deixava-nos — a mim e a dois irmãos pouco mais velhos — aos cuidados de sua mulher, que nos vendia os ingressos, acomodava-nos na sala de projeção e, terminada a sessão, providenciava para que não voltássemos sozinhos para casa, na Rua Sorocaba. No Nacional, menino, ficava embevecido com os quadros de exposição de fotografias dos filmes, onde os títulos e os nomes dos artistas eram escritos em grandes letras purpurinadas. Ali, um dia, soletrei o título de um filme brasileiro — *Futebol em Família* —, “com Dirzinha Batista e o *team* do Fluminense”. Alguém deu-me a maior gozação antes de explicar que *team*, palavra inglesa, pronunciava-se, à brasileira, *time*...

Fui ao Nacional, pela primeira vez, com minha mãe, e o filme em cartaz era *A Grande Valsa*, biografia romancada de Johann Strauss, dirigida por Julien Duvivier, com Fernand Gravey no papel do compositor, Louise Rainer, como sua mulher, e o soprano polonês Miliza Korjus, como uma cantora que teria sido amante de Strauss. Lembro-me de algo que pode ter sido a cena final: uma gigantesca homenagem ao “rei da valsa”, que, velho, a recebe ao lado da mulher, mas vê, sobreimpressa no meio da multidão, a imagem da amante, incansável divulgadora de sua música. As respeitáveis senhoras, na platéia, exaltaram-se com a ousadia, da mesma maneira que antes tinham se encantado com as famosas cenas da câma-

ra dançante, as quais — assegura-nos David Selznick em um dos seus memorandos coletados por Rudy Behlmer* — foram rodadas por Victor Fleming, o único diretor creditado em ... *E o Vento Levou*, não creditado na *Grande Valsa*.

Fui crescendo cinematograficamente no Nacional e vendo, sobretudo, a produção da Warner Bros., que o cinema exibia freqüentemente. Devo a isto, creio, a boa memória que tenho da farta filmografia do eclético Michael

Curtiz. Quando estava chegando à adolescência, e já assumira o cinema como uma inarredável preocupação intelectual, revi, no Nacional, o *Capitão Blood* e choqueei-me com o que então me pareceu um plágio do clássico *Ivan, o Terrível*, de Eisenstein. Numa das primeiras cenas, o médico Peter Blood presta socorro a um homem ferido e perseguido e a imagem na tela é a sua imensa sombra projetada na parede, roubada — pensei — do perfil em sombra de Nikolai Tcherkassov no filme de Eisenstein. Foi voltar à casa, consultar poucas fontes e descobrir, meio sem jeito, que o filme de Curtiz era bem anterior ao *Ivan*.

Na sala do Nacional, aconteceu-me também experiência certamente muito comum, até hoje, em sala escura. Passava na tela outro filme de Curtiz — *O Preço da Felicidade* (*Roughly Speaking*), com Rosalind Russel num daqueles papéis de concorrer ao Oscar — e a cena era com o ator Jack Carson, fantasiado com uma árvore de Natal sobre uma cartola, bêbado, às voltas com uma formidável dor de cotovelo. A cena tinha a mestria de um bom trabalho de Curtiz e eu estava emocionado. Mas não o suficiente para não distinguir uma mão que se insinuava na direção das minhas pernas e que não era — com certeza — a minha mão! Fiquei uma fera, ia investir sobre o sujeito, mas ele se escapou, sorrateiro, como o rato surpreendido entre as panelas. Deu para ver, porém, que levava um chapéu de abas largas, andava meio curvo e vestia terno completo.

Alguns dias ou semanas depois, o Nacional exibia *Sem Sombra de Suspeita* (*The Unsuspected*), irreprensível policial de Curtiz, com Claude Rains, seu ator predileto. Seu Crispim fizera boas reformas na sala e mandara instalar dois grandes aparatos de cada lado da tela, que se projetavam como se fossem apêndices de um órgão, disparando sobre a platéia um vento incessante e frio. Na entrada do cinema, discreto mas atento a cada garotão que chegasse, estava a figura: terno cinza, de gravata e colete, bigodinho fino. Bateu com os olhos em mim e se cobriu com o chapéu de abas largas, saindo, outra vez, sorrateiro. Acho que estraguei a sua caçada do dia — ou será que ele também curtia os filmes de Michael Curtiz?

Depois seu Crispim se aposentou, ou morreu, não sei bem. O Nacional virou Bruni-Botafogo. Esta é uma história que não saberia contar, pois ali não voltei mais.



Arquivo da Cidade

Na década de 40 o Plaza era um cinema de luxo.

* Memo from David O. Selznick, selected and edited by Rudy Behlmer. With an introduction by S. N. Behrman. New York, The Viking Press, 1972.